

Valor

FIM DE SEMANA

**EU &**

Sexta-feira e fim de semana, 1, 2 e 3 de dezembro de 2006 - Ano 7 - Nº 323

**A OPOSIÇÃO E O DESAFIO  
DOS RITOS DEMOCRÁTICOS**

**LAMPIÃO, INVENTOR  
DE SEU PRÓPRIO MITO**



# A indústria da celebridade

Produção e consumo de estrelas no mercado multimídia

# Millôr Fernandes faz humor como quem faz poesia

Cinco livros do jornalista carioca chegam às livrarias e destacam sobretudo suas qualidades de poeta e filósofo.

Por **Rodolfo Witzig Guttilla**, para o Valor, de São Paulo

**N**a década de 1950, o Brasil parecia destinado a um futuro grandioso. Dava-se ares de estar preparado para consolidar a democracia, promover o progresso no plano econômico e se destacar pela criatividade no plano cultural. Nesse campo, vivia uma fase sem precedentes. João Guimarães Rosa lançava “Grande Sertão: Veredas”; João Cabral de Melo Neto encenava “Morte e Vida Severina”; Ariano Suassuna, “O Auto da Compadecida”; Nelson Pereira dos Santos rompia com o modelo consagrado pela chanchada e produzia filmes de derivação neo-realista como “Rio, 40 Graus”.

Então, a cidade do Rio de Janeiro figurava como o centro da elegância e do bem-viver e Copacabana, a estreita faixa entre o Leme e o Posto Seis, glamourizada pelos filmes da Atlântida e de Hollywood, influenciava a moda, os padrões de comportamento e o consumo do brasileiro da ascendente classe média. Foi nesse contexto de

efervescência cultural que “O Cruzeiro” começou a se destacar por abordar temas de impacto, escritos de forma ágil e atraente. A revista possuía projeto gráfico arrojado e contemporâneo, com destaque para fotos e ilustrações de alta qualidade para os padrões da época.

“O Cruzeiro” contava ainda com cartunistas de prestígio como Péricles, que immortalizou “O Amigo da Onça”, e Millôr Fernandes, que, sob o pseudônimo Vão Gôgo, respondia pela seção semanal “Pif-Paf”, criada em janeiro de 1945 para satirizar as cenas política e social.

Nascido Milton Viola Fernandes, em 16 de agosto de 1923, no Méier, subúrbio do Rio, Millôr Fernandes ficou órfão aos 12 anos e foi viver com um tio materno. Aos 15 anos, ingressou no Liceu de Artes e Ofícios e começou a trabalhar como contínuo em “O Cruzeiro”. Sua trajetória no grupo Diários Associados foi marcada pelo êxito, escrevendo, ilustrando, editando e dirigindo diversas

publicações. Mas foi na revista que ele se tornou nacionalmente reconhecido por seus textos curtos e diretos, “(des)aforismos” e charges que satirizavam com inteligência, ousadia e criatividade os costumes e a cena política e cultural do país — destinado a um futuro grandioso, afirmava-se, mas ainda atado às iniquidades e vícios do passado.

A Desiderata, editora que lançou “O Pasquim — Antologia 1969-1971” neste ano, é responsável por cinco novos lançamentos de autoria de Millôr Fernandes. Na próxima semana chega às livrarias “Ministério de Perguntas Cretinas”, que traz frases de Millôr e ilustrações de seu colega de “O Pasquim”, Jaguar. No mês que vem, será lançado “Fábulas Fabulosas”, reunião de fábulas antigas e novas de Millôr, com ilustrações de Angeli. Esses dois títulos sucedem os lançamentos de “A Verdadeira História do Paraíso”, “Que País É Este” e “Trinta Anos de Mim Mesmo”.

No último livro, Millôr faz uma viagem no

tempo, partindo do início de sua carreira, em 1943, com apenas 19 anos, até 1972. Para cada ano, o escritor selecionou um ou mais textos e desenhos, publicados nos mais importantes jornais e revistas da época. A escolha de textos foi realizada a partir de diferentes formas que o autor desenvolveu ao longo dos anos. Entre os achados do livro se encontram seus haicais, gênero que abraçou há 50 anos. Segundo o autor, os haicais são uma forma de expressão direta e econômica.

Millôr começou a produzir haicais sem nenhuma intenção. "Não sei onde eu descobri o haicai. Eu tinha que encher aquelas páginas (provavelmente da revista 'O Cruzeiro') e lembro que fiz seis de uma tacada. Depois fiz quatro, depois cinco, depois cansei. Passaram-se dois, três meses, fiz um. Depois passou um ano, fiz cinco. Não respeitava a métrica 5-7-5, botava rima. Quando vi, já tinha feito quase 400, igual ao Bashô [mestre japonês do haicai]", relatou aos "Cadernos de Literatura Brasileira", do Instituto Moreira Salles.

O que chama atenção na produção de haicais de Millôr é o fato de que o poeta não se ateu às estruturas formais da composição, adotando somente os três versos da forma original. Tampouco seguiu as regras clássicas da composição japonesa, como a necessária ausência-do-eu — impensável no auto-referente e não menos vaidoso Millôr — ou o indispensável termo de estação, o kigô. Mais influenciado por Oswald de Andrade, que adotou o haicai para exercitar a "boutade" —, o haicai de Millôr foi predominantemente satírico. Outras vezes, o tom era reflexivo, mas sempre marcado por fino humor, mesmo ao tratar de temas que remetem o leitor à "gravidade da vida".

Essa marca ficou evidente na definição que o autor fez do gênero, em 1961: "O haicai é um verso tradicional japonês. De cada três, dois tem chorão. O outro tem vagalume." Dentre os melhores exemplares de sua lavra, dois haicais, publicados em "Poemas", de sua autoria, destacam-se:

Prova  
Olha,

Entre um pingo e o outro

A chuva não molha.

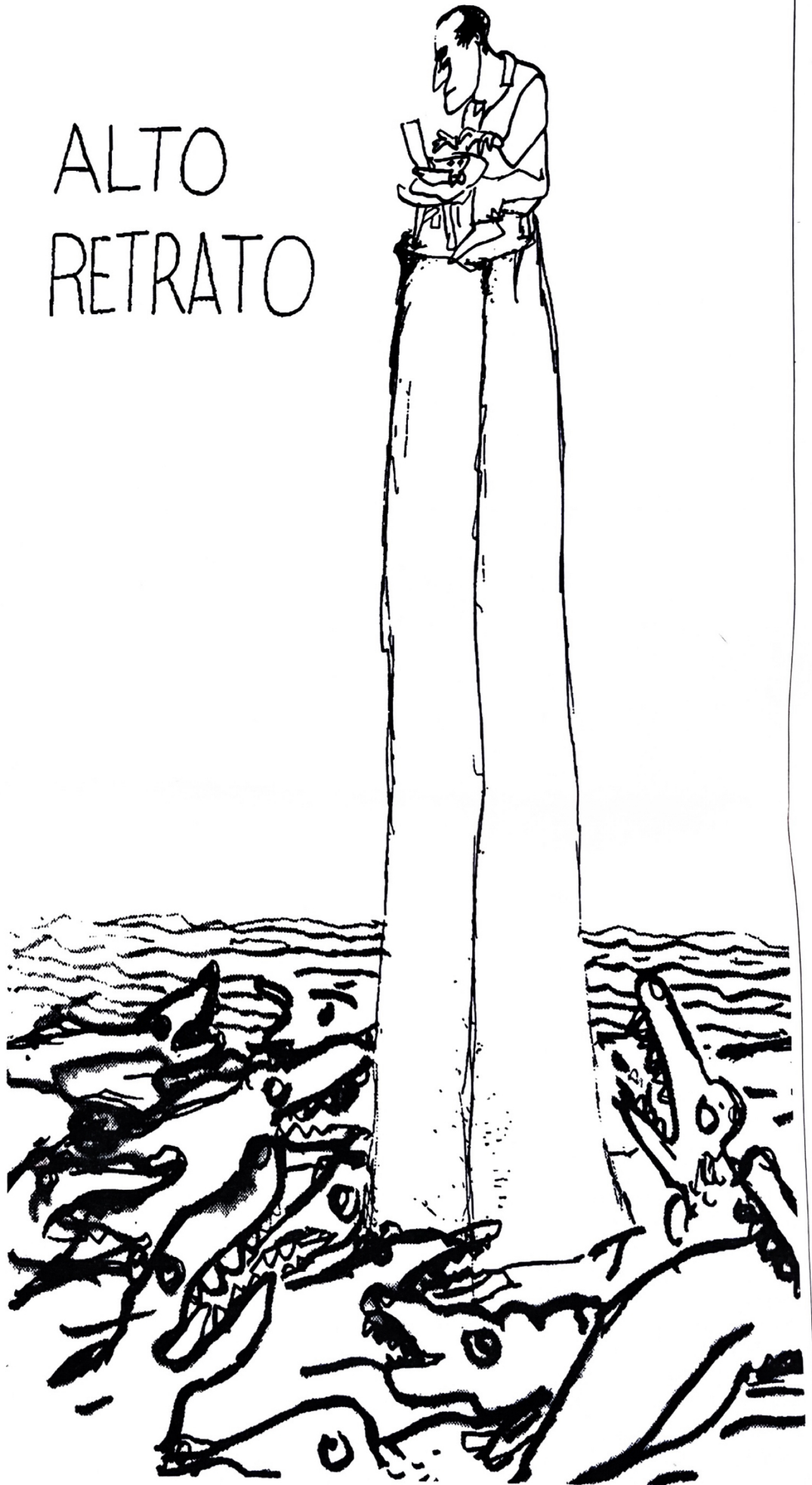
Poeminha fora da estação II  
Coragem é isso, bicho!

Eu sofro de mimfobia

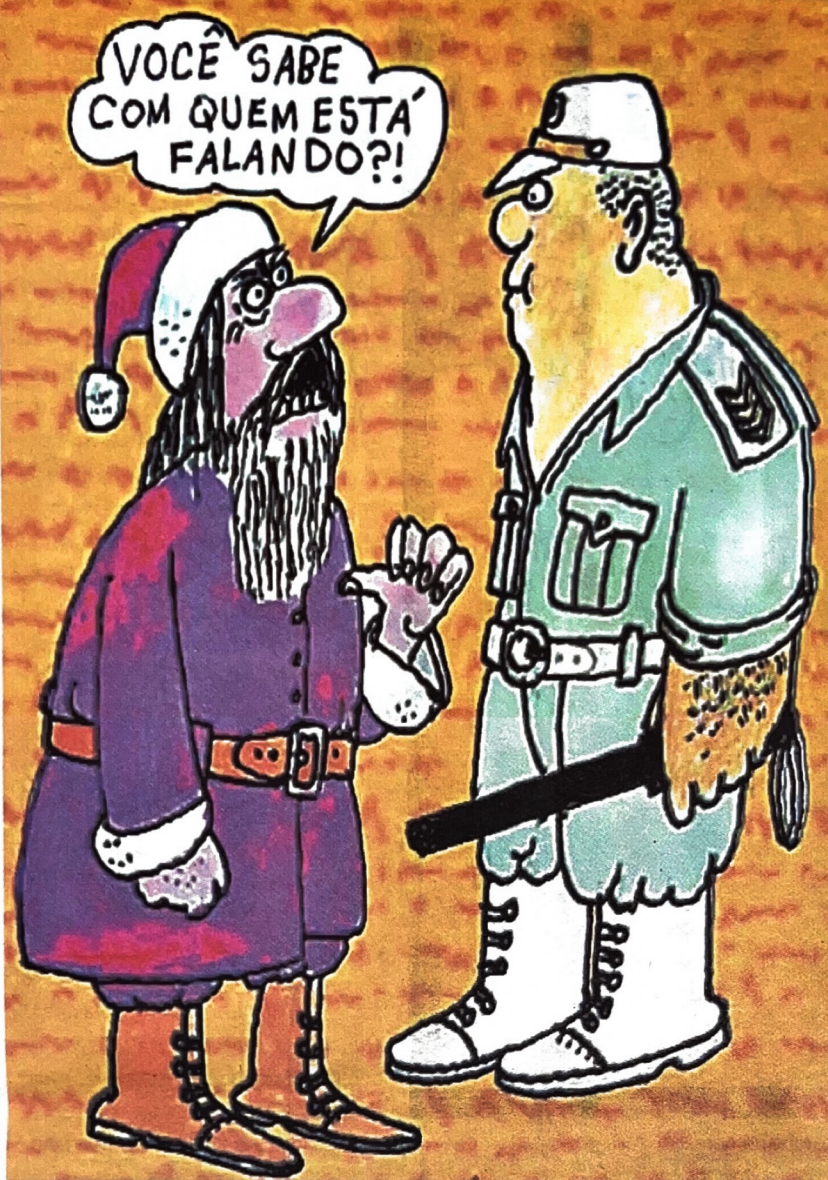
Tenho medo de mim mesmo

Mas me enfrento todo dia.

## ALTO RETRATO



Millôr, que prefere apresentar-se como jornalista, foi um dos introdutores do haicai no Brasil (acima, seu "alto retrato")



Síntese, brevidade e humor são os pontos que unem Millôr à poesia japonesa. Diz o próprio autor, em uma epítome de sua ética & estética: “Certos escritores se pretendem eternos e são apenas intermináveis”.

Diferente de seus predecessores e contemporâneos, Millôr soube capturar a dimensão imagética do poema como poucos e criar um novo sentido semântico ao conjunto, que, invariavelmente, organizou-se a partir de um texto e uma ilustração (na tradição do haiku, a caligrafia, marca distintiva do autor, estará indissociavelmente ligada a seu conteúdo poético, introduzindo novos e diferentes campos de significado ao poema).

O poeta disse: “Apesar de sua forma frágil, quase volátil, dependendo mais da imagística do que qualquer outra poesia, uma implosão, não uma explicitação, o haikai é, contudo, uma forma fundamentalmente popular e, inúmeras vezes, humorística, no mais metafísico sentido da palavra”. Dessa forma, a maioria de seus haicais se apóia em ilustrações que ora re-

metem à estética de anúncios e cartazes publicitários ou, ainda, ao universo de referências dos cartazes de divulgação de filmes e peças de teatro (notadamente, das três primeiras décadas do século XX).

Nos “Cadernos de Literatura Brasileira”, Luis Fernando Veríssimo afirma: “Foi com o desenho que o Millôr deu o passo que o transformaria de um cara muito engraçado, e todos concordavam que era o cara mais engraçado do Brasil, em outra coisa. Ele já era diferente, já fazia um humor inteligente e informado como nenhum outro, e desenhos como nenhum outro, mas ninguém ainda se deparara com a filosofia de uma piada do Millôr posta, por assim dizer, na frente da piada, como um desafio a ser vencido antes de se merecer a piada”. Da mesma forma, para merecer a mensagem (ou a descoberta de significado para a existência humana no cosmo, que o bom haiku proporciona), o leitor deverá, antes, vencer, ou melhor, desvelar, a intenção nas sinuosas e elegantes linhas dos ideogramas traçadas a pincel — em reverência à arte da

caligrafia, ou shodô, ela também um exercício de auto-conhecimento.

“A Verdadeira História do Paraíso” foi criada no fim da década de 1950, apresentada pelo autor no rádio e na TV ao longo dos anos 1960, publicada pela revista “O Cruzeiro” em 1963 e, em forma de livro, em 1972. Combina narrativa e ilustrações primorosas, numa evidente relação de interdependência. Dentre os pouquíssimos poemas que compõem a narrativa, destacam-se quatro haicais. Enunciados pelo autor como problemas fundamentais, ou metafísicos, criados pelo “TODO-PODEROSO”, Millôr os oferece para “meditação do leitor”:

1) Responda amigo;

Adão

Tinha umbigo?

2) Responda, irmão;

O pássaro

Já nasce com a canção?

3) O mistério não acaba;

Onde anda o bicho de goiaba

Quando não é tempo de goiaba?

4) Mestre, respeito o Senhor,

Mas não a Sua Obra;

Que Paraíso é esse, que tem cobra?

Por desvelo ou pudor, Millôr raramente se apresentou como poeta. Prefere se dizer jornalista. É preciso reconhecer, contudo, que foi ele quem mais (e melhor) contribuiu para a ampla divulgação dos poeminhos no país, publicados ao longo de cinco décadas em importantes veículos de comunicação. Múltiplo e complexo, Millôr resumiu assim sua passagem pelo cosmo, em um poema temperado de haimi — termo que designa o sabor do haikai:

Eu vim com pão, azeite e aço;

Me deram vinho, apreço, abraço:

O sal eu faço.

Rodolfo Witzig Guttilla é antropólogo, jornalista e poeta. Publicou “Uns & Outros Poemas, 1985-2005” e “A Casa do Santo & o Santo de Casa”, ambos pela Landy Editora. ■